



PROMETEUS

FILOSOFIA EM REVISTA

Ano 1 - no. 2 Julho-Dezembro/2008 ISSN 1807-3042

RELACIONAMENTO VIRTUAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA TEORIA ARISTOTÉLICA DA AMIZADE.

Joelson Santos Nascimento,
graduando em filosofia-DFL/UFS

RESUMO: O objetivo desse artigo é refletir sobre um meio de comunicação muito em voga na atualidade, o ORKUT, a partir das distinções de Aristóteles sobre a amizade. Esses chamados “amigos” do ORKUT o são no sentido próprio da palavra? Se não o são no sentido estrito do termo, ainda assim poderemos chamá-los “amigos”?

Palavras chave: amizade, amor, utilidade, relacionamento, realidade.

ABSTRACT: The objective of this paper is to reflect about an important mean of communication now a days, the ORKUT, from Aristotle's distinctions on friendship. Those so-called “friends” of ORKUT are friends in the strict sense of the word? If they are not, even so can we continue call then “friends”?

Key-words: friendship, love, utility, relationship, reality.

A filosofia está ao nosso redor, nós nos envolvemos nela virtualmente todos os dias.¹

Somos seres do mundo, e estamos permanentemente envolvidos por ele. Levantamos pela manhã, tomamos o nosso café e, sendo possível, vamos para o trabalho, olhamos nosso e-mail, desenvolvemos as atividades diárias, voltamos para casa, nos preparamos para dormir e pronto. A seqüência de nossas ações torna-se tão habitual que, apesar de estarmos no mundo, conseguimos apenas vê-lo de relance e subjetivamente a partir de nossa rotina. Se parássemos por algum tempo e tentássemos abstrair as imagens que são fornecidas pelo mundo, como, por exemplo, a do nosso cotidiano, ampliaríamos a nossa visão e veríamos brotar as mais diversas ciências: se fossemos físicos, veríamos as leis da física; se

¹ ROWLANDS, 2005, p.13

matemáticos, equações; se biólogos, a evolução natural das coisas, e por aí vai. Mas e o Filósofo? Será que ele poderia vislumbrar conceitos ou problemas filosóficos em nosso dia-a-dia? Será que poderia ver a Filosofia em coisas que estão muito próximas de nós, com as quais convivemos sem cessar, como, por exemplo, num computador?

Para Mark Rowlands, cuja citação inicia nosso texto, a resposta é sim. Ele explicou, através de filmes de ficção científica, os mais diversos temas filosóficos. Mas antes, advertiu:

Este livro contém material que será considerado ofensivo por alguns leitores. Ou pelo menos assim espero. Muitos podem pensar que este não é um livro sério de Filosofia. E estão certos. Mas não cometa o erro banal de acreditar que tudo que faz bem deve ter gosto ruim; que tudo que é edificante tem que ser necessariamente sério. Mesmo sem muita sobriedade, este é um livro de Filosofia.²

Rowlands sabia da resistência de alguns especialistas em relação à popularização da Filosofia nesses moldes. Segundo estes, quem assim age, deixando a Filosofia mais “leve”, trazendo-a para perto das coisas com as quais temos mais familiaridade, está “rebaixando-a”, fazendo-a entrar na cultura de massa, está brincando de filosofar. Entretanto, e é nisto em que tanto eu quanto Rowlands acreditamos, dentro ou fora da academia, a Filosofia deve ser praticada, e podemos filosofar com propriedade e de modo relevante olhando o mundo em suas coisas mais simples e rotineiras: “Se você é novato em Filosofia, então aqui está o mais importante: a filosofia não está no saber, e sim no fazer”³.

Assim, o objetivo do nosso trabalho é levantar um problema filosófico a partir de uma reflexão sobre um meio de comunicação muito em voga na atualidade, o ORKUT. Pois, muito nos impressiona, ao acessar este compartilhamento virtual de fotos e mensagens, a quantidade surpreendente de “amigos” que estão em conexão. Por exemplo: há pessoas que possuem 300, 400, 500, até 1.000 amigos. E aqui cabe refletirmos: será que podemos manter uma amizade e adquirir novos amigos no Orkut? Podemos afirmar que realmente possuímos esta quantidade fabulosa de amigos que sob este nome foram adicionados à nossa conta? E, se os temos, como poderemos saber realmente que são nossos amigos? E mais, se não o são no sentido estrito do termo, ainda assim poderemos chamá-los de amigos? Aristóteles pode ajudar-nos a responder estas questões com sua reflexão sobre a amizade, inserida no livro VIII e IX da *Ética Nicomaquéia*. Mas, antes de falar sobre isto, temos de tratar um pouco mais sobre o ORKUT.

Criada em 24 de janeiro de 2004⁴, a rede social intitulada ORKUT tinha fundamentalmente o propósito de ajudar as pessoas a constituir novas amizades; de criar uma “rede de amigos

² Idem, *ibidem*, p.11

³ Idem, *ibidem*, p.14

⁴ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>

mais íntimos e chegados”⁵ e de tornar a relação entre conhecidos virtualmente mais ativa. O nome advém de seu criador, Orkut Büyükkökten, um engenheiro de *software* nascido em 6 de fevereiro de 1977, na Turquia. Enquanto estava estudando na Universidade de Stanford, ele criou o conceito desta rede social, mais tarde desenvolvendo-a como funcionário da empresa Google.

O desenvolvimento da rede teve como base “*A Teoria dos Seis Graus de Separação*”. De acordo esta, originada de um estudo científico⁶ feito nos Estados Unidos, no mundo é necessária apenas a ligação de seis amigos para que duas quaisquer outras pessoas estejam, também, ligadas. Para comprovar a teoria eram enviadas cartas para pessoas que, após o recebimento, tinham de identificar o remetente. Caso este fosse identificado, quem tinha recebido a carta deveria enviar outra carta ao remetente, caso não, ela deveria mandar para alguém que tivesse a possibilidade de conhecê-lo. E quando a pessoa que foi identificada recebia a carta, ela enviava outra aos responsáveis pela pesquisa.

Assim, além das cartas, o Orkut corroborou a mesma teoria e, a partir deste conceito, milhares de pessoas, pelos mais variados motivos, conectam-se a essa rede de relacionamento virtual. Mas existem algumas regras. Em primeiro lugar, devemos receber um convite de alguém que já esteja relacionado; a partir daí, criamos a nossa conta e preenchemos alguns campos obrigatórios e opcionais para podermos convidar outros amigos a participar do nosso grupo e a compartilhar fotos, mensagens, vídeos, músicas, e outros. O limite de pessoas inseridas em cada grupo está restrito a 1.000 (mil) amigos. E podemos classificá-los como desconhecidos, colegas de escola ou trabalho, amigos íntimos, ou melhor amigo. Ou seja, de acordo essa classificação podemos adicionar os mais variados tipos de amigos, além de conseguir novos.

O que nos interessa quanto ao Orkut, no presente artigo, é compreender o que significam as chamadas “amizades” que esse sistema de relacionamento virtual institui e possibilita. Para isto, voltemos nosso olhar para o pensamento de Aristóteles quanto à noção de amizade.

Aristóteles começa a definição afirmando que, antes de abordarmos tal tema, temos de conhecer primeiro os objetos do amor, não os objetos do amor platônico, o *eros*, considerado desejo, falta e sofrimento⁷, mas o amor no sentido da *philia*. Como afirma na *Retórica*: “Amar é querer para outrem aquilo que reputamos serem bens, e isto não em

⁵ <http://www.Orkut.com/About.aspx>

⁶ MILGRAM, 1967, p.60-67.

⁷ COMTE-SPONVILLE, 2001, p.26.

nosso interesse, mas no interesse dele.”⁸ É a partir desta concepção de amor que o filósofo definirá a amizade.

Segundo o estagirita, as coisas que merecem ser amadas são as coisas boas, agradáveis ou úteis. Sendo as coisas úteis resultado das coisas boas e prazerosas, aquilo que merece ser amado como fim é o que é bom e agradável. Mas será que as coisas que as pessoas amam são boas em si mesmas ou apenas lhes parecem boas? O filósofo não desenvolve o tema, pois, para ele, não “fará diferença” para o ponto em questão, mas parte do princípio de que as pessoas amam o que elas julgam ser bom.

Estes mesmos três objetos do amor (bom, útil e agradável) serão os fundamentos para definir que existem três tipos de amizades, com uma pequena diferença: pode-se sentir amor por algo inanimado, como um carro ou, como o próprio Aristóteles sugere, por uma garrafa de vinho, mas com a amizade isto não é possível, pois para que pessoas sejam consideradas amigas tem de haver *reciprocidade* consciente dos sentimentos: “É amigo aquele que ama e é amado em retorno. Julgam ser amigas as pessoas que julgam encontrar-se nestas disposições reciprocamente.”⁹ Desejamos o bem de uma pessoa e, se esse bem não é retribuído, apenas temos uma boa intenção. A retribuição desta boa intenção é o que consideramos *amizade*: “Para que as pessoas sejam amigas deve-se constatar que elas têm boa vontade recíproca e se desejam bem reciprocamente por uma das razões mencionadas”¹⁰, ou seja, pelo que é bom, útil e agradável.

Notemos que existe uma coincidência do amor e da amizade no desejar o bem à outra pessoa, mas a diferença está em que o amor é considerado por Aristóteles uma emoção, sentimentos que nos afetam e que estão acompanhados do prazer e do sofrimento¹¹, como os desejos, a inveja, a cólera – isto explica porque podemos amar algo inanimado, pois existe a possibilidade de nos sentir irritados quando nosso automóvel enguiça ou alegres por ter comprado um computador, por exemplo. Já a amizade é uma questão de escolha que pressupõe, como veremos a seguir, certa disposição de caráter.

Vimos que o amor possui três qualidades. Analogamente, também haverá três tipos de amizade, cada uma fundamentada nos mesmos motivos que qualificam o amor. O primeiro tipo de amizade está fundamentado no interesse ou na utilidade. Quando os amigos não se amam por si mesmos, isto é, por seu caráter, mas sim por causa do proveito que obtêm um do outro. Aristóteles exemplifica este tipo de amizade citando as pessoas idosas; estas, segundo ele, por causa da idade avançada, não buscam o agradável, mas sim o útil. O

⁸ ARISTÓTELES, *Arte Retórica*, II, p.106

⁹ Idem, *Arte Retórica*, II, p.106

¹⁰ ARISTÓTELES, *Ética Nicomaquéia*, VIII, 1156a, p.155.

¹¹ Ibidem, II, 1106a, p.40.

mesmo podemos dizer da amizade que está fundamentada no prazer. Os amigos por prazer gostam do outro não pelo caráter, mas porque um é agradável ao outro. O exemplo neste caso é o dos jovens, pois estes, além de estarem sob forte influência da emoção, vivem em função do prazer, ou seja, do que é agradável para eles. Assim, na medida em que o tempo passa, os prazeres vão tornando-se outros e eles mudam constantemente de amigos. O problema desses dois tipos de amizade está em serem acidentais, pois, é próprio do acidente não ser permanente. E, como as pessoas da relação estão se usando como meio, elas podem deixar de ser úteis ou agradáveis; quando isto acontece, as pessoas deixam de se amar e a amizade se desfaz. “Portanto, desaparecido o motivo da amizade, esta se desfaz, uma vez que ela existe somente como um meio para chegar a um fim”.¹²

A amizade considerada perfeita para Aristóteles é aquela que está baseada naquilo que é bom, quer dizer, quando duas pessoas boas desejam bem uma à outra não por causa da utilidade ou do prazer que podem proporcionar-se, mas porque a outra pessoa é boa, ou seja, porque possui excelência moral. Apenas neste caso podemos chamá-las de amigas em pleno sentido:

Então, as pessoas que querem bem aos seus amigos por causa deles são amigas no sentido mais amplo, pois querem bem por causa da própria natureza dos amigos, e não por acidente; logo, sua amizade durará enquanto estas pessoas forem boas, e ser bom é uma coisa duradoura.¹³

Em relação à durabilidade, a amizade entre pessoas boas é a mais perfeita, mas, tal perfeição não se ampara somente na durabilidade. É um truísmo dizer que, para Aristóteles, a essência contém o acidente, e não o contrário, ou seja, o acidente só é em relação à essência. É por isto que a amizade segundo a bondade é a mais perfeita em relação às outras duas, a da utilidade e do prazer, pois na bondade estão incluídos necessariamente tanto o prazer quanto à utilidade. Mas a recíproca não é verdadeira: nestas duas não está incluída necessariamente a bondade. Esta é a razão pela qual podemos chamar as pessoas de uma relação baseada apenas na utilidade e no prazer de amigos, pois como ser útil e agradável pertence, de forma acidental, à amizade segundo a bondade, eles são amigos por acidente, embora não sejam amigos em sentido estrito.

A verdadeira amizade, assim como também o verdadeiro amor, pode existir apenas entre pessoas boas que querem bem uma à outra, ou seja, é indispensável que haja a *reciprocidade* de sentimentos e de boas ações. Contudo, amizades como estas são muito

¹² Ibidem, VIII, 1156a p.155.

¹³ Ibidem, VIII, 1156b, p.156.

díficeis de existir, pois a quantidade de pessoas boas é pouca¹⁴. Para haver um relacionamento amigável e sincero é necessário adquirir confiança, e para isto é preciso que haja *tempo e intimidade*: “As pessoas também não poderão manter amizade umas com as outras ou ser realmente amigas enquanto cada uma das partes não houver demonstrado à outra que é digna de amizade e não lhe tiver conquistado a confiança.”¹⁵

Um outro aspecto de importante relevância para se ter uma amizade verdadeira é a *atividade*, e isto também serve para as amizades segundo o prazer e segundo a utilidade. Segundo Aristóteles, para existir reciprocidade nos sentimentos e nas boas ações é necessário que as pessoas convivam umas com as outras. Quando estamos dormindo, afirma, não podemos exercer a amizade; o mesmo podemos dizer da distância. Não é possível exercer a atividade própria dos amigos se ele não está presente. A amizade, neste caso, não termina, mas a atividade sim. No entanto, se as pessoas estiverem ausentes por um longo período, a amizade pode ser esquecida:

Quando duas pessoas se apreciam mutuamente mas não vivem juntas parecem apenas bem dispostas uma para com a outra e não realmente amigas. Efetivamente, nada é mais característico dos amigos que o desejo de viver juntos (as pessoas necessitadas desejam que os amigos as ajudem, já que estão perto, e até as mais prósperas desejam uma companhia (...))¹⁶

Característica também de semelhante importância é a *igualdade*. Para que uma verdadeira amizade exista é preciso que ambas as pessoas sejam boas, isto é, iguais em excelência moral. Desejamos bem a outra pessoa por ela mesma, e esta possui semelhante sentimento.

Vimos que Aristóteles afirma que existem três tipos de amizade: a que está fundamentada no prazer, a que está fundamentada na utilidade, e a que está fundamentada na bondade. Para que tenhamos qualquer uma dessas amizades é necessária a *reciprocidade* nos sentimentos e nas ações. Ora, podemos dizer que desejamos o bem de uma pessoa que está do outro lado do mundo através de recados que transmitimos e mensagens de carinho, e essa pessoa faz o mesmo por nós. No entanto, apesar de termos reciprocidade nos sentimentos, como podemos ter reciprocidade nas ações? Esta reciprocidade se dará através de nosso álbum de fotos ou dos constantes recados? Não. O máximo que conseguiríamos é não esquecer da amizade (é claro que Aristóteles não supôs que haveria formas de se comunicar a grande distância e em tempo real, comunicação esta que realmente não deixa

¹⁴ Ibidem, VIII, 1156b, p.156.

¹⁵ Ibidem, VIII, 1156b, p.157.

¹⁶ Ibidem, VIII, 1157b, p.158.

esquecermos de nossos amigos), mas no concernente à *atividade*, como, por exemplo, ajudar ao nosso amigo estando junto a ele nos momentos difíceis, esta se torna impossível em razão da distância; e também, mesmo à distância, por mais que haja reciprocidade de afeto, perde-se a autonomia dos sentimentos, pois se cria uma dependência em relação a uma máquina com a qual certamente não podemos contar o tempo inteiro. Assim, como podemos ter diversos amigos, como 500, 600 ou 1.000 se não estivermos jamais com eles fisicamente? E como poderíamos amar 500, 600 ou 1.000 pessoas ao mesmo tempo? Isto, para Aristóteles seria impossível, pois, sendo o amor uma emoção, apenas podemos senti-lo em relação a uma única pessoa.¹⁷

Além disto, se tivermos uma grande quantidade de amigos, como poderemos saber se realmente os são no sentido estrito do termo? Quando, no ORKUT, uma pessoa envia um convite à outra para aceitá-la como amigo, o site de relacionamento deixa a critério de o convidado aceitar ou não o convite. Para isso, existe um botão onde o convidado pode confirmar o pedido ou recusar; caso ele aceite, deverá classificar o amigo como desconhecido, colega de trabalho, de escola, amigo íntimo, ou melhor-amigo. Porém, de acordo a teoria aristotélica da amizade, as classificações deveriam ser desta forma: amigo útil, amigo prazeroso e verdadeiro amigo. Mas a questão é que devemos ter essas classificações antes de criarmos a nossa conta, pois somente convivendo com a pessoa é que poderemos classificá-la em uma das características que fundamentam uma amizade. Assim, aristotelicamente falando, o Orkut não possui ferramentas para classificarmos as amizades e sabermos se alguém é um amigo verdadeiro ou não. Consequentemente, não temos como fazer amigos, pois, mesmo em amizades que estejam baseadas no prazer e na utilidade, casos em que o número de amigos pode ser elevado, é preciso que a pessoa seja útil e agradável. E como ser deste jeito virtualmente? Emocionando a outra com os recados ou compartilhando uma grande quantidade de fotos? E mais, não saberemos se o amigo está realmente dentro de uma dessas classificações, pois não conseguimos vê-lo em sua própria vida, ou seja, não estamos vendo-o praticar ações reais. O que for escrito por ele, no Orkut, não pode ser tomado como critério de verdade. Se ele nos ama e deseja estar junto de nós, não é com certeza através desse relacionamento virtual que poderemos comprovar: "(...) os atos são os sinais das disposições da alma."¹⁸

Não é minha finalidade, com este texto, declarar-me inimigo mortal do Orkut. Pessoalmente criei uma conta e consegui "rever" vários amigos com os quais eu havia perdido o contato após ter saído de minha cidade natal. Minha crítica se funda

¹⁷ Ibidem, VIII, 1158a, p.159.

¹⁸ Ibid, *Arte Retórica*, I, IV, p.64

principalmente sobre o fato de que a maioria das pessoas está trocando a relação de amizade presencial pela relação virtual, o que produz um distanciamento progressivo entre as pessoas juntamente com a ilusão de que não estão sós, pois estes relacionamentos virtuais são erroneamente vistos como relacionamentos reais. Não causará espanto que, em um futuro próximo, as pessoas se encontrem e fiquem em silêncio, ou apenas troquem umas poucas palavras, pois não mais saberão o que dizer ou como se expressar na ausência de um teclado de computador. Segundo Aristóteles, a virtude deve ser exercitada para que pratiquemos ações de acordo a razão, e assim sermos felizes. Como afirma Atoine Hourdakís: “A felicidade [em Aristóteles] é a atividade para qual tende a virtude.”¹⁹ Como a amizade é um tipo de virtude, apenas através de ações é que podemos adquirir amigos verdadeiros e mantê-los. E quando falamos de ações, queremos dizer as reais, não as virtuais, que são baseadas em mouses e teclados. Assim, espero que o leitor reflita um pouco sobre suas amizades virtuais e reais e ouça, também, o *Samba do Amigo* de Noite Ilustrada:

Quando for chamar alguém de amigo, pense bem no que lhe digo pra não ter que se arrepender. Veja se é gente como a gente, se sente o que a gente sente, se há jeito de se entender. Sei que é muito fácil abrir os braços, recebendo um novo abraço, mais um amigo comum. Toda hora se repete a mesma cena, porém em cada centena, veja lá se sobra um.²⁰

Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES, *Ética a Nicômacos*, Trad. de Mário da Gama Kury, 3ª ed. Brasília: Universidade de Brasília, c 1985,1989.

_____, *Arte Retórica*, Trad. Antônio Pinto de Carvalho, Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., (Coleção Universidade de Bolso)

AUBENQUE, Pierre, *A prudência em Aristóteles*, Trad. de Marisa Lopes, São Paulo: Discurso Editorial, 2003.

COMTE-SPONVILLE, André, *A felicidade desesperadamente*, Trad. de Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HOURDAKIS, Antoine, *Aristóteles e a Educação*, Trad. Luiz Paulo Rouanet, São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MILGRAM, S. The small word problem. *Psychology Today* 2, 60-67, [1967](http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut). in <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>.

¹⁹ HOURDAKIS, 2001, p.51

NOITE ILUSTRADA, *Samba do Amigo*, www.letas.terra.com.br/noite-ilustrada/577739/.

ROWLANDS, Mark, *Scifi=scifilo: a Filosofia explicada pelos filmes de ficção científica*, Trad. Edmo Suassuna, Rio de Janeiro: Relume, 2005.

WWW.Orkut.com/About.aspx, 2008.

WWW.pt.wikipedia.org/wiki/Orkut, 2008.